



A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O ENFRENTAMENTO DAS SITUAÇÕES PROBLEMAS NO MEIO RURAL: A VISÃO DO EGRESSO DA CASA FAMILIAR RURAL DE FREDERICO WESTPHALEN

Luci Mary Duso Pacheco - URI¹

Ana Paula Noro Grabowski - URI²

Resumo: Tendo presente o cenário educacional rural alarmante e ao mesmo tempo acreditando na instituição escola como espaço de construção humana e formação cidadã esse estudo pretende analisar qual o lugar da Pedagogia da Alternância, enquanto prática educativa desenvolvida nas Casas Familiares Rurais, no enfrentamento das situações problemas no meio rural, espaço esse marcado por desigualdades, privações, limitações, mas também, por oportunidades. Na dinâmica da Casa Familiar Rural foi possível verificar elementos que fortalecem o conhecimento de novas técnicas e modos de produção, possibilitam uma prática agrícola ecológica e sustentável, melhorando o rendimento da produção e com isso enfrentando as situações problemas a que estão expostos. A CFR tem um lugar especial na formação dos jovens agricultores da região, compartilhando com os mesmos conhecimento e suporte técnico necessários a uma formação cidadã, mobilizada, atuante e idealizadora de novos rumos para a produção agrícola voltada para a sustentabilidade no meio rural.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância; meio rural; situações problemas.

A Pedagogia da Alternância

A pedagogia da alternância é uma prática reconhecida mundialmente, desenvolvida nos sistemas CEFFA (Centros Familiares de Formação por Alternância). É uma proposta educacional que promove a formação integral do jovem residente no meio rural. É uma tentativa de efetivar uma política educativa para a população rural, promovendo o homem do campo, ao mesmo tempo em que difunde o desenvolvimento tecnológico, econômico e sociocultural da comunidade, propiciando condições para o jovem fixar-se ao seu meio.

A prática educativa da Alternância vai do concreto ao abstrato, prioriza a experiência do aluno, valoriza os conhecimentos existentes no meio. A formação é desenvolvida a partir da realidade específica de cada jovem, valorizando a troca de experiências com os colegas,

¹ Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Ciências Humanas da URI – Campus de Frederico Westphalen.

² Acadêmica de Pedagogia da URI – Campus de Frederico Westphalen, e bolsista de Iniciação Científica – REDES/URI.

famílias, monitores e outros atores envolvidos. Formam-se jovens esclarecidos, que tenham condições de defender seus próprios interesses, e busquem superar a exploração do homem pelo próprio homem.

Dias (2006, p.124) explica a Pedagogia da Alternância como uma formação integral e transformadora do jovem rural e conseqüentemente de seu meio. Por meio do trabalho coletivo, escola e família, possibilita o desenvolvimento dos pequenos agricultores em sua região.

Neste modelo de ensino os alunos são os atores de sua própria formação, num processo permanente de práxis socioprofissional (ação-reflexão-ação), fazendo da escola um lugar mútuo de ensino e aprendizado. Por isso a formação em alternância diferencia-se do modelo de ensino tradicional porque têm no seu processo de aprendizagem situações vividas pelos jovens em seu meio, em vez da simples aplicação prática de aulas teóricas.

Dias (2006) destaca que a formação pela alternância se organiza em torno do “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver com os outros” e “aprender a ser”³. Aprender a conhecer, para que o jovem conheça, relacione e integre os elementos de sua cultura ao conhecimento técnico-científico. Aprender a fazer aponta para o desenvolvimento de habilidades para enfrentar problemas, solucionar conflitos e adquirir qualificação profissional. Aprender a viver com os outros para realizar projetos comuns, compreendendo o outro e fortalecendo as relações dentro da comunidade. Aprender a ser sujeito e cidadão, agindo com autonomia e estabelecendo relações entre sujeito, escola, comunidade e propriedade.

A formação através da pedagogia da alternância centra-se em quatro grandes pilares, que podem ser observados na figura abaixo. Quanto aos meios: a) a gestão do CEFFA é desempenhada por uma associação de agricultores; b) a metodologia utilizada é a pedagogia da alternância. Quanto aos fins: c) uma formação integral para duas gerações: pais e filhos; d) o compromisso com o desenvolvimento econômico e social local.

Essa é uma Pedagogia, que possui metodologia própria de ensino a qual oferece aos jovens agricultores conhecimentos teóricos e práticos, ligados a sua realidade, com sucessivas alternâncias entre a Casa Familiar Rural e a propriedade, o seu meio sócio profissional. Tem como finalidade uma formação integral, humana, social e técnica, valorizando suas características, suas capacidades, sua experiência de vida e busca também contribuir no desenvolvimento do meio familiar, social, profissional, cultural e ecológico.

³ Essa organização está relacionada com os quatro pilares da educação destacados por Jacques Delors no Relatório da UNESCO.

A pedagogia da alternância está centrada na pessoa e no desenvolvimento do seu meio. Tende então, segundo Gimonet (2007, p.107), a situar o educando como sujeito-ator de sua formação, que aprende, pesquisando e construindo. Prevaecem, então, os métodos ativos e de apropriação que privilegiam o processo de produção de saberes através da pessoa, mais do que um simples consumo de informações pela mesma.

Gimonet (2007, p. 28) ressalta que “A eficiência educativa e formativa da Alternância é ligada à coerência, existindo entre todos os componentes da situação de formação e, notadamente, entre as finalidades, os objetivos e os meios do dispositivo pedagógico”.

O autor fala também que “em toda Pedagogia da Alternância é fundamental uma Pedagogia da Cooperação, uma partilha de poder educativo” (GIMONET, 2007, p.31). A família, a escola, a comunidade, enfim, todos aqueles que vivenciam a formação do sujeito alternante, são extremamente significativos nas relações e na comunhão das práticas advindas desse meio e que vão acontecendo ao longo desse processo. Busca-se através dessa partilha, um melhor aprendizado, no qual a organização de diversas idéias e saberes acabam por provocar e aguçar ainda mais a curiosidade e a procura por mais informações.

A autêntica alternância escola-trabalho não é uma simples justaposição destes dois elementos, mas supõe sua interação refletida: a escola se vê enriquecida pelo trabalho, e o trabalho pela escola. Esta concepção é sem dúvida o elemento característico dos sistemas pedagógicos baseados na alternância: uma concepção criadora. (ROUILLIER, 1980, p.45).

As palavras de Rouillier (1980) remetem à compreensão de uma educação como princípio integrador da realidade vivida pelos sujeitos com a possibilidade de transformação dessa mesma realidade, através da tomada de consciência das situações limites e o estudo das possibilidades de superação das mesmas. Esse princípio integrador só será efetivo se houver uma relação real entre escola e meio socioprofissional. A pedagogia da alternância prevê essa relação.

É importante ressaltar que os sistemas CEFFAs não atuam somente na formação dos alunos, mas também dos familiares, uma vez que são parte constitutiva da proposta pedagógica da alternância. Desse modo, recriam valores, aprendem novos sentidos e significados pela luta e trabalho na terra e novas relações sociais de produção, por meio das discussões e atividades na e fora da escola e nos encontros de formação entre pais e alunos, diretores, monitores e outros dirigentes do movimento CEFFA.

Dessa forma, os sistemas CEFFAs aparecem como uma alternativa viável para o desenvolvimento rural, porque eles visam justamente contribuir para o desenvolvimento

sustentável, através do trabalho das associações das escolas, em projetos coletivos, que viabilizem o desenvolvimento da instituição, dos alunos, da comunidade e dos pequenos produtores. Eles podem contribuir para o desenvolvimento do campo, porque atuam na formação teórica e prática dos educandos, respeitando a sua cultura e seu meio, de forma que eles tenham conhecimentos técnicos e filosóficos que os favoreçam desenvolver a comunidade, bem como a si mesmos.

Para a alternância é importante que tanto o jovem, quanto o meio se desenvolvam. Levando-se em consideração que o desenvolvimento deve melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável), a Pedagogia da Alternância promove o desenvolvimento econômico e sociocultural das famílias e conseqüentemente da comunidade, através de um conhecimento adequado à sua realidade, levando o agricultor a ter acesso a uma moderna tecnologia apropriada ao seu modo de produção, habilitando-o a analisar criticamente sua realidade e nela interferir para modificá-la.

Ao refletir a própria prática, a Pedagogia da Alternância permite uma formação educativa, integral, humana e técnica, contextualizada na realidade, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável. Abrange a vida social, ambiental, cultural, econômica e profissional, na qual se valorizam os saberes já construídos e a partir deles busca-se um novo sujeito que atue de maneira mais crítica e responsável no seu local e na sociedade.

As pessoas precisam acreditar no meio rural como um espaço de vida e de existência digna, para isso é necessário que a escola desempenhe uma função importantíssima desde a mais tenra classe, que é a valorização do espaço, do trabalho e do modo de vida das famílias rurais, sem que, com isso, se negue os benefícios dos avanços tecnológicos para essa população e que fazem parte, hoje, do conforto, comodidade e entretenimento que a vida urbana oferece.

Se a escola trabalhar desde cedo a valorização e os conhecimentos do espaço rural, conseguirá ao longo da escolarização contribuir na transformação do cenário atual de abandono e desesperança, ajudando os jovens a conhecerem melhor suas potencialidades e possibilidades dentro da atividade agrícola, aproximando o conteúdo escolar da vida cotidiana das pessoas que trabalham e vivem nesse cenário.

Nos últimos anos, tem surgido diferentes experiências educacionais no meio rural brasileiro. São experiências que, na maioria dos casos, surgem por iniciativa da própria população, através de suas organizações e movimentos sociais, a partir de alianças com Partidos Políticos, Igreja, Universidades e Organizações Não-Governamentais, na busca de

afirmar princípios, concepções e práticas de uma educação e de uma escola vinculadas a um projeto de desenvolvimento do espaço rural. Exemplos dessas iniciativas são, entre outras, a luta do Movimento dos Sem Terra pelas Escolas de Assentamento, Escolas de Acampamento e Escolas Itinerantes; a luta dos indígenas e dos povos da floresta por uma escola vinculada à sua cultura, assim como as experiências dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs).

Retomando um pouco a especificidade, a organização pedagógica e metodológica da Casa Familiar Rural, a mesma tem na pedagogia da alternância o princípio fundamental e norteador de seu projeto educativo. Silva⁴ (2003) defende que tal princípio implica em um processo de formação do jovem agricultor que combina e articula períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar. Alterna-se, assim, a formação agrícola na propriedade com a formação teórica geral na escola que, além das disciplinas básicas, engloba uma preparação para a vida associativa e comunitária. A ênfase na formação integral do jovem, na participação das famílias na condução do projeto educativo e na gestão da escola, assim como a perspectiva de desenvolvimento local são os outros princípios que, articulados à alternância, sustentam o projeto pedagógico da Casa Familiar Rural.

Dentro do trabalho e da organização da Casa Familiar Rural foi possível verificar elementos claros que viabilizam uma formação voltada para o enfrentamento da exclusão social. Elementos esses que, fortalecendo o conhecimento de novas técnicas e modos de produção, possibilitam uma prática agrícola ecológica e sustentável, melhorando o rendimento da produção, com isso elevando as condições de vida das famílias.

Sendo o trabalho na Casa Familiar todo direcionado para a gestão e produção de propriedade agrícola familiar, os temas desenvolvidos nas alternâncias são pertinentes à realidade do território e possibilitam um conhecimento mais aprofundado para os agricultores em relação ao que os mesmos já produzem, como também, à inovações que possam vir a serem agregadas às suas propriedades.

É por esta razão que Gimonet (1985) considera que uma verdadeira alternância não sobrevive sem uma abertura da escola para o mundo exterior, orientada pela busca permanente de incorporar e reconstruir no processo de formação dos alunos os conhecimentos historicamente criados e recriados nas lutas e vivências das famílias, de suas organizações e seus movimentos.

⁴ SILVA, L. H. (2003). As Experiências de Formação de Jovens do Campo: Alternância ou Alternâncias? Viçosa: Editora UFV.

É nessa articulação entre escola, famílias e contexto sócio-político que encontramos a essência de uma alternância integrativa. Além disto, essa combinação do projeto de formação com a realidade das lutas e movimentos sociais é que fornece sustentação tanto ao princípio da alternância como instrumento de desenvolvimento do meio; evitando assim a reprodução de velhas falácias que atribuem à educação, por si só, a capacidade de realizar transformações sociais, de impedir o êxodo rural, de promover a melhoria das condições de vida do agricultor, entre outras, que acabam por reproduzir o velho discurso liberal em relação à função social da escola. (SILVA, 2008, p.112)

Em se tratando de enfrentamentos, a prática educativa das Casas Familiares Rurais apresentam inúmeras possibilidades. Vivenciam a democracia e a solidariedade, aspectos imprescindíveis para uma vida em comunidade, incentivando as práticas de economia solidária e da tarefa compartilhada, além das redes de cooperação. Esses aspectos já são suficiente para identificá-la como uma prática educativa de enfrentamento das situações problemas no meio rural, tendo em vista que muitas das precariedades percebidas nesse espaço podem ser enfrentadas com conhecimento e vivência em comunidade.

A EXPERIÊNCIA DA CASA FAMILIAR RURAL DE FREDERICO WESTPHALEN

O Projeto Pedagógico da Casa Familiar Rural Santo Isidoro de Frederico Westphalen (2006) traz que a educação de forma geral valoriza as profissões, porém, a de ser agricultor é algo ainda à ser conquistado pela comunidade rural. É necessário ter conhecimento de formação humana global e específica sistematizada para desenvolver as atividades. Paralela à outra profissão também requer habilidades e saberes que atendam à prática produtiva campesina.

A agricultura mais do que um mercado exportador é também raiz da produção alimentícia saudável advinda das pequenas demandas: a agricultura familiar, que pela menor escala de repercussão mundial - se comparada a agro exportação - possui um mercado que aos poucos vem se consolidando pela qualidade produtiva. Nesta situação é que um ensino com bases formadoras específicas se sustenta, pois garante possibilidade de desenvolvimento rural para o jovem que conhecedor das particularidades rurais souber alçar seus conhecimentos adequadamente e de acordo com as potencialidades de sua propriedade.

Apesar deste crescimento na conquista de uma nova concepção do espaço rural como meio de produtividade e desenvolvimento a sustentabilidade econômica desse centro educativo não é prioridade do poder público, ainda há em nosso país a ideia de que os pequenos agricultores pertencem a um setor arcaico e defasado das tecnologias de produção, simbolizando um atraso na economia brasileira se comparado ao setor exportador.

Se por um lado o capitalismo impera dando preferência aos referenciais lucrativos em larga escala, por outro, a agricultura familiar vem granjeando espaço, tendo como referencial de permanência no campo a Pedagogia da Alternância que através da Casa Familiar Rural;

desperta nos agricultores novas formas de vivenciar a agricultura, minimizando as agressões ambientais e diminuindo o problema da dependência de fatores externos à propriedade para que ocorra o processo produtivo, gerando, assim, mais perspectivas para as gerações futuras. Este objetivo concretiza-se através do trabalho em grupo, da organização dos agricultores e do espírito associativista, articulando, ainda, a realidade das comunidades agrícolas com o processo de ensino fundamental e médio. (PASSADOR, 2006 p. 165).

Concernente a seguinte referência, um educador da Casa Familiar Rural Santo Isidoro, através da entrevista, coloca que o meio rural hoje traz grandes oportunidades de vida em família, de criar os filhos e desenvolver-se com saúde, inteligência, harmonia e paz, trabalhando na propriedade como um espaço onde as pessoas possam evoluir e crescer, por que é no meio rural que se encontram os princípios da sociedade e da natureza. Da mesma forma ressalta sobre o ensino das Casas Familiares Rurais ao dizer que

A Pedagogia da Alternância é a Pedagogia do concreto. O grande impacto proveniente da Pedagogia da Alternância é a oportunidade do sujeito construir sua caminhada, fazer seu espaço. Esta Pedagogia tem objetivos específicos que propiciam aos alunos seu real crescimento, é na CFR que ele vai elaborar seu projeto de vida, reconhecer-se como indivíduo social, assumindo lideranças e sendo referência comunitária, se esse jovem realizar uma vez o trabalho com vontade e responsabilidade, realizará sempre, qualquer trabalho, seguindo tais princípios. (MONITOR da CFRSI, 2010)

Atualmente, existem muitas associações representantes deste movimento na América do Sul, somente no Brasil são 125 Centros, sendo que 97 estão em funcionamento e 28 estão em processo de implantação (ARCAFARSUL apud, Bof, 2006). A Pedagogia da Alternância encontra-se presente nesses movimentos através das CFRs (Casas Familiares Rurais) e das EFAs (Escolas Famílias Agrícolas).

O Rio Grande do Sul comporta 3 Casas, uma delas é a Associação Casa Familiar Rural Santo Isidoro, localizada na Linha Faguense em Frederico Westphalen, norte do estado. Teve seu processo de origem iniciado em 1998, com discussões à cerca da Associação; decorrente do processo surgiu em 2001 um grupo de 28 famílias que se interessavam em participar deste modelo educacional para o campo, cuja essência é a integração das famílias no processo de formação. No seguinte ano, 2002, a primeira turma de jovens alternantes deu início a sua caminhada pela Casa Familiar Rural, sendo sujeitos da Pedagogia da Alternância

e podendo vivenciar seu aprendizado na propriedade em que residem (Projeto Pedagógico, 2006). A ACFRSI recebe adolescentes de vários municípios da região do Médio Alto Uruguai, comportando o Ensino Médio, e constituindo a primeira CFR do Rio Grande do Sul com tal modalidade de ensino.

Nesse processo que parte das situações vividas Freire (1999) expressa que *“A leitura do mundo precede a leitura das palavras”*; é a leitura da realidade de vida que vai permitir o acesso a formação. De acordo com o questionário aplicado para um total de 53 alunos da ACFRSI, 83,03% *destes responderam que a formação propiciada pela Pedagogia da Alternância está possibilitando o crescimento profissional através do aprendizado, do trabalho na propriedade, das novas técnicas e das diferentes experiências de planejamento e métodos apropriados; além de que o jovem passou a ser referência na comunidade assumindo lideranças e estreitando os laços familiares e sociais através do diálogo e da preservação de valores como: responsabilidade, seriedade e compromisso.*

Os valores estabelecidos com o questionário da pesquisa, denotam que a maioria dos jovens já conheciam a ACFRSI antes de ingressar na mesma, sendo que tal conhecimento é proveniente de familiares e amigos que frequentaram a Casa e passaram a experiência desta proposta de ensino para diante, como forma de expandir sua abrangência.

Sobre o ensinopredominante na Pedagogia da Alternância tem-se que:

[...] o que prioridade na Pedagogia da Alternância é a dignidade da pessoa, como sujeito individual e coletivo, tratam-se de jovens e suas famílias (pequenas ou grandes) e em torno desta comunidade. Leva-se em conta a totalidade da pessoa como indivíduo e o que ela representa na história e no seu meio por esse motivo a EFA ajuda e é parte desse fator de desenvolvimento humano-social do meio onde está inserida (ZAMBERLAN apud JESUS, 2006).

A família constitui-se parte fundamental do processo educacional, pois, é ela quem oferece o primeiro espaço de socialização de valores e conduta, da mesma forma, se faz imprescindível na Alternância, representando ponto de apoio e de integração entre monitores e jovens. É no núcleo familiar também que se difundem os conhecimentos e planejam/executam-se trabalhos da propriedade. Para Gimonet (2007), tanto as crianças, quanto os jovens e os adultos pertencem à um contexto familiar, e, este, é essencial para a construção de sua identidade e aprendizagem.

É nesse sentido que a família – seu auxílio e participação – na Pedagogia da Alternância é referência para a formação integral do jovem, para seu desenvolvimento tanto pessoal, quanto social e/ou profissional.

Nas entrevistas realizadas, pode-se perceber a importância da participação das famílias na escolha pela alternância juntamente com o jovem, e no papel integrador e participante que elas tem na CFR. Também foi possível analisarmos que não são todos os alternantes que avaliam como real a participação de seus familiares, pois apontam como insuficiente sua atuação trazendo para enfoque a decisão somente familiar quanto ao ensino. Note-se, que apesar da maioria das famílias trabalhar em conjunto com os adolescentes, não existe uma unanimidade que contemple todos os requisitos de tal participação, essa lacuna – pode-se considerar talvez um dos pontos fracos – evidencia-se supostamente como sendo um dos precedentes indicados para os problemas rurais: a falta de informação quanto as abrangências do campo em si e da Pedagogia da Alternância.

Como um agravante que incide tanto sob as pessoas da cidade quanto algumas do campo, a falta de informação referente ao trabalho, plantio, cultura e costumes, deflagram o quão supérfluas são as concepções de “atrasado” que se tem do rural. É pertinente destacar aqui, que vem desse meio – que muitos ainda pensam ser “atrasado” - a maior parte dos alimentos saudáveis que chega à mesa das pessoas hoje.

Essas outras constatações servem como indício da necessidade de preservação e conhecimento que deve haver sob espaço rural, da mesma forma que as próprias famílias que ali residem tem o compromisso de zelar por sua cultura, modos de vida e relações familiares. É no campo, e somente no campo na campo que “[...] a família procura manter uma rede de afinidades naturais, determinadas pela necessária unidade funcional de existência, proporcionada pelo relacionamento de uma relação natural, na sensibilidade correspondente para com a necessidade alheia[...].” (Caliari, 2002 p. 70). Porém, ao negar ou deixar de fazer-se presente na vida educacional dos seus filhos, essas mesmas famílias estão abnegando-os do crescimento.

Essa restrição também se faz presente em outro ponto da atividade alternante: a aplicação dos conhecimentos na propriedade. Sabe-se que o jovem realiza períodos que alternam entre a sua propriedade e a CFR (observar/refletir/empreender, Gimonet, 2007), cada período com características determinantes que são cruciais para sua aprendizagem. O retorno à propriedade (empreender) é marcado pelo fazer diferente, através dos seus conhecimentos e do que aprendeu na CFR, esses conhecimentos emergem então, como prática na propriedade dos jovens.

A maioria das famílias já percebe o valor e a importância dos conhecimentos que o jovem traz da Casa, admitindo que estes possam trabalhar o manejo da terra e da propriedade em si com mais autonomia, no entanto, ainda existe resistência por parte de algumas famílias,

pelo fato de admitir a mudança de hábitos – cultivo, plantio – muito duvidosa, restringindo as modificações e implementações necessárias, ou as técnicas de cultivo diferenciadas que os jovens venham a efetuar.

Essa restrição pode ser percebida como um fator cultural/familiar ou somente pela falta de informação – note-se que essa falta de informação é presente também nos gráficos 02 e 03. Cultural, pois os modos de produção de uma família são pertinentes à tal, herança de gerações passadas, que determinam muitas vezes as atividades de uma família, e, falta de informação, por elas mesmas conceberem a Pedagogia da Alternância de forma reduzida, isto é, para o jovem permanecer no campo, sendo que essa é uma das finalidades. Em sua plenitude a Pedagogia da Alternância busca a formação integral deste jovem, melhores condições de vida e de oportunidades como cidadão camponês.

Mas não podemos deixar de notar que vem emergindo de forma lenta e continuada a mudança de concepção quanto à realidade e possibilidade do meio rural, para os jovens alternantes e suas famílias engajadas à Pedagogia da Alternância, isto se fez notar através dos proeminentes contatos viabilizados na ACFRSI, para a construção deste artigo. O trabalho com o real e com o concreto se faz presente no aprendizado e conhecimento para a formação do jovem alternante levando esse fato à mediação de suas necessidades.

Colocado como um espaço de difícil acesso, com poucas oportunidades de lazer, renda pouco consistente e trabalho extremo, o campo era concebido como lugar sem futuro e destituído de crescimento, devido à isso, muitos dos jovens pensavam em abandonar o meio rural para ir em busca de melhores condições de vida: a cidade.

Nesse resultado, onde claramente denota-se que a maioria dos jovens não queria continuar no trabalho com a terra, sobressaem-se implicitamente algumas das causas do êxodo e dificuldades do camponês como o clima, a desvalorização do seu trabalho perante a sociedade, preço baixo dos produtos, descaso político, falta de políticas públicas (saúde, educação), e talvez a falta de estrutura de trabalho de alguns órgãos voltados diretamente para o agricultor – Emater e Secretaria da Agricultura.

Essa chamada ilusória que o urbano faz, jogada pela mídia e contraditória ao real campesino apresenta-se de forma nítida

[...] a partir de uma visão idealizada das condições materiais de existência na cidade e de uma visão particular do processo urbanizado, alguns estudiosos consideram que a especificidade do campo constitui uma realidade provisória que tende a desaparecer, em tempos próximos, face ao inexorável processo de urbanização que deverá homogeneizar o espaço nacional. Também as políticas

educacionais, ao tratarem o urbano como parâmetro e o rural como adaptação reforçam essa concepção (Parecer 36/2001 apud Arroyo, 2004 p. 138).

Ao contrário de tal concepção, o campo se identifica pelos seus sujeitos, sendo que estes devem ser os beneficiados com uma educação (Arroyo, 2004) *dos*, e não, *para os* sujeitos. Livre de amarras impostas é possível obter mudanças em relação à permanência no campo e a prática da agricultura como traduz a percentagem de 79,24 *dos jovens da ACFRSI, os quais acentuaram sua visão sobre a agricultura familiar, como sendo uma prática que traz benefícios, sustentabilidade, produção saudável e funciona como uma grande empresa que necessita de planejamento e cuidados com o plantio, além de ser uma forma de manter a família unida.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de um ensino que sobrepujasse o imediatismo urbano ou aos modelos de reprodução não adequadas à realidade campesina surgiu na forma de uma proposta educacional arraigada nas necessidades próprias ao meio e inicialmente desvinculada de estudos teóricos, produzidas na forma original por seus sujeitos, os agricultores. Atualmente, essa proposta Pedagógica abrange um universo educacional em crescimento e mesmo assim sujeito a deturpações do âmbito político e pode-se dizer que também social.

Constatou-se através de tal estudo e das diversas práticas ocasionadas pela pesquisa uma certa falha na contemplação tanto governamental, quanto pública em relação ao ensino campesino – reportando-se à prática da Pedagogia da Alternância. Emerge a necessidade de uma consolidação de aceitar e valorizar o trabalho no campo efetuado pelo pequeno agricultor, aquele que, apesar das mudanças ainda permanece como pilar da produção familiar.

Na prática pedagógica alternante, os jovens saem do mundo da contemplação para o mundo da atuação, pois são eles que fazem a sua história, definem seu trabalho e buscam o desenvolvimento. Nessa rotina de construção aprende-se além da profissão, os valores humanos necessários para a confirmação deste ser junto à ordem social como parte coletiva e individual, em busca de uma vida mais digna e cidadã.

Redirecionar a atenção para os problemas do meio rural e efetivar políticas educacionais que atendam a essa demanda emergente é o primeiro passo para o preenchimento desta lacuna. Colocar em prática apoios verdadeiros que ofereçam oportunidades de crescimento e permanência destes jovens no campo, esse não é o motivo principal da alternância, mas é um

dos fatores para se começar no ensino alternante. O conhecimento do ensino das Casas Familiares Rurais é algo a ser divulgado, existem poucos trabalhos acadêmicos nesta área de pesquisa e muitas pessoas não sabem desses feito, com o conhecimento deste ensino mais pessoas poderão interessar-se e proceder de maneira positiva.

A Pedagogia da Alternância como “Pedagogia do concreto” (Monitor ACFRSI, 2010) vai além dos conhecimentos técnicos, escolares e sistemáticos, representa uma forma de desenvolver a vida e de sustentação para os jovens que residem no campo. Ela transforma-se então em uma Pedagogia da vida, pois os envolvidos passam a ser sujeitos de sua história, transpassando o real, precisam saber viver e aprender os meandros deste caminho.

REFERENCIAS

AZEVEDO, José de Antulio. **A formação de técnicos agropecuários em alternância**. Tese (Doutorado) Marília, 1999

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê I** – O(a) monitor(a) e a Associação. SIMFR, 2003

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê II** – O(a) monitor(a) e o processo ensino-aprendizagem. SIMFR, 2003

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III** – O(a) monitor(a) e os instrumentos pedagógicos. SIMFR, 2003

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III módulo IV** – O(a) monitor(a) e o plano de formação do CEFFA. SIMFR, 2003

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III módulo V** – O(a) monitor(a) e o projeto profissional do jovem. SIMFR, 2003

BOF, Alvana Maria(organização); SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno... [et al.]. **A educação no Brasil Rural** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

BONAMIGO, Carlos Antonio. Pedagogias que brotam da terra: um estudo sobre práticas educativas do campo. Porto Alegre, 2007. 219f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS.

BRASIL **Lei n.º 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo. MEC . Caderno de Subsídios. Brasília, DF: 2004.

BROSE, Markus. **Agricultura familiar, desenvolvimento local e políticas públicas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

CALIAR, Rogério. **Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento local**. Lavras: UFLA, 2002.

CALVÓ, Pedro Puig. **Centros familiares de formação por alternância**. In.: *Pedagogia da Alternância*. UNEFAB

CENSO DEMOGRÁFICO. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.%20shtm>. Acesso em: maio de 2009.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/RS. **Parecer 675/2009**. Relatório da Comissão de Ensino Médio e Educação Superior do Estado do Rio Grande do Sul. Aprovado em 30/09/2009.

DAMASCENO, M. N; THERRIEN, J. **Educação E Escola No Campo**. São Paulo: Papirus, 1993.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável**. Origens e perspectiva de um novo paradigma. 2.ed. Guaíba: Agropecuária, 1999.

ESTEVAM, D. de O. **Casa Familiar Rural: a formação com base na Pedagogia da Alternância**. Florianópolis: Insular, 2003.

FERNANDES, Ângela Esther Borges **O perfil da agricultura familiar brasileira**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-perfil-da-agricultura-familiar-brasileira/16496/>> acessado em 15/11/2009

FONSECA, Maria Tereza Lousa. **A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Loyola, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Os novos desafios da agricultura camponesa**. Porto Alegre: s/e, 2004.

GRITTI, Silvana Maria. **Educação rural e capitalismo**. Passo Fundo: UPF, 2003.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural**. Revista Contexto e Educação. Ijuí. Ano 1. n.4. out/dez. 1986.

HILLESHEIM, L. P.; KNOB, D.A., A alternância como Pedagogia de formação para o sujeito do campo. In: **Anais do VII Simpósio de Educação: Complexidade e Conhecimento**. Frederico Westphalen: URI, 2008.

HILLESHEIM, Luiz Pedro. A formação integral na visão dos sujeitos da alternância. *Revista Formação por Alternância*. Ano 3, nº 5, 2007.

JARA, C. J. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura-IICA, 1998. 316p

JESUS, Janinha Gerke de. Saberes e formação dos professores na pedagogia da alternância. Vitória, 2007. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar**. Campinas: Unicamp, 1993.

LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, A. P. **Administração da Unidade de Produção Familiar: Modalidades de Trabalho com Agricultores**. 3 ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005

LIMA, Ana Rita; SANTOS, Clarice A. dos; ALDRIGHI, Salete. Educação do campo. Direito de todos os camponeses e camponesas. Brasília: Max Pint – Via Campesina, 2006.

LOURDES, Helena da Silva Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. A experiência brasileira. *sísifo / revista de ciências da educação* · n.º 5 · jan/abr 08

MARTINS, J.S. **Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1975.

MANFIO, Elisandra. Educação para o meio rural: perspectivas atuais de permanência e sustentabilidade. Frederico Westphalen, 2004. 72 fl. Monografia (Graduação em Pedagogia). Departamento de Ciências Humanas. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen – RS.

MIGUEL, Lovois de Andrade; SCHNEIDER, S. ; WAQUIL, Paulo Dabdab ; KUHN, Daniela Dias. Microcrédito e capacidade de pagamento dos agricultores familiares: a experiência do Programa RS-Rural no Rio Grande do Sul. **Revista Ensaios (FEE)**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 789-828, 2005.

MIOR, Luis Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da escola família agrícola de Goiás – EFAGO**, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas – SP

PACHECO, Luci Mary Duso. **O impacto sócio educacional da Pedagogia da Alternância na construção de um novo Rural: um olhar sobre o egresso da Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen.** Projeto de Pesquisa: URI 2009/2010

PASSADOR, Cláudia Souza. **A educação rural no Brasil.** O caso da escola do campo no Paraná. São Paulo: Annablume, 2006

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Casa familiar Rural, 2006.

PELEGRINI, Gelson; GAZOLLA, Marcio. A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: Limites e potencialidades a sua reprodução social. Frederico Westphalen: URI, 2008

QUEIROZ, João Batista Pereira de; SILVA, Virgínia Costa e; PACHECO, Zuleika. **Pedagogia da Alternância: construindo a educação do campo.** Goiânia: UCG; Brasília: Universa, 2006. 155p.

SILVA, L. H. **As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?** Viçosa: UFV, 2008.

TEDESCO, João Carlos. (Org). **Agricultura familiar realidades e perspectivas.** Passo Fundo: UPF, 1999.